

A incorporação de elementos da cultura escrita castelhana nas histórias dos códices mexicas dos séculos XVI e início do XVII

Eduardo Henrique Goborets Martins*

Resumo

Durante o século XVI, os descendentes das elites indígenas do centro do México se reposicionaram politicamente diante do novo contexto social decorrente da conquista espanhola, o que incluiu, entre tantas ações, a reelaboração de suas histórias. Em suas novas histórias, os descendentes de México-Tenochtitlan mantiveram parte das tradições pictográficas pré-hispânicas e também introduziram textos alfabéticos, nos quais foram incorporados elementos provenientes da cultura escrita castelhana, tais como conceitos, notas preliminares e gêneros. Dessa maneira, procurarei mostrar que esses elementos transformaram a escrita das histórias mexicas e também refletiram mudanças ocorridas na sociedade colonial ao longo de quase um século após a conquista espanhola.

Palavras-chave:

escrita; histórias; mexicas.

Abstract

During the sixteenth century, the descendants of the indigenous elites based in the Mexico Valley rethought their political role under the new social context due to the Spanish conquest - and this included re-elaborating their histories. In their new histories, the descendants of México-Tenochtitlan kept a parcel of the pre-Hispanic pictographic tradition. At the same time, the Mexica introduced alphabetical texts, in which were incorporated elements from Castilian written culture, as concepts, preliminary notes and genres. Therefore, I will demonstrate that these elements transformed how to write Mexica's histories and also reflected changes of the colonial society throughout almost one century after the Spanish conquest.

Keywords:

writing; histories, Mexica.

*Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (2018) e pesquisador associado do Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da Universidade de São Paulo (CEMA-USP – www.usp.br/cema) desde 2015. Email: Eduardo.gorobets@gmail.com

Após a conquista de México-Tenochtitlan, iniciou-se um longo processo de transformação das organizações econômica, social e política entre os mexicas e outros povos mesoamericanos, com a gradual imposição do regime colonial pelos espanhóis. A coalizão formada e capitaneada por Hernán Cortés a partir de 1519 contou com a participação de antigos inimigos dos mexicas, como tlaxcaltecas e purépechas, mas também interessou as cidades que estavam descontentes com as ostensivas cobranças de tributos até então encabeçadas pelos mexicas¹. Após a conquista indígena-espanhola da cidade mexicana, em agosto de 1521, os espanhóis deram continuidade às conquistas e alianças com outros povos. Tenochtitlan foi reconstruída, tornando-se a capital colonial, e os mexicas também se aliaram aos espanhóis nas negociações e nos confrontos bélicos posteriores.

Dessa maneira, durante e após a conquista, as elites *nahuas* do centro do México² e seus descendentes tiveram que se reposicionar politicamente diante do novo contexto social. Por um lado, as elites procuravam manter seus cargos na hierarquia político-tributária pré-hispânica, intermediando as relações entre espanhóis e povos subordinados pelas cidades que atuavam como cabeceiras políticas, por exemplo. Por outro lado, tais elites se convertiam ao cristianismo e reconheciam a autoridade dos espanhóis frente aos indígenas. Dessa maneira, as elites *nahuas* atuaram ativamente na construção do regime colonial³, mantendo a organização político-tributária indígena ao mesmo tempo em que auxiliavam na implementação de instituições trazidas pelos espanhóis, como é o caso da Igreja Católica.

O reposicionamento político das elites indígenas também implicou na reelaboração das explicações históricas sobre acontecimentos distantes e próximos temporalmente do presente colonial. Ao reescreverem as narrativas do passado, os *nahuas*, e especialmente os mexicas,

¹ SANTOS, Eduardo Natalino dos. "As conquistas de México-Tenochtitlan e da Nova Espanha. Guerras e alianças entre castelhanos, mexicas e tlaxcaltecas" in: *História Unisinos*. 18(2): 218-232, Maio/Agosto de 2014. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2014.182.02>>. Os mexicas lideraram uma tríplice aliança, ou *excax tlatoloyan*, composta por Tlacopan, Texcoco e Tenochtitlan, formada no século XV. LÓPEZ AUSTIN, Alfredo & LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *El pasado indígena*. México: Fondo de Cultura Económica, El Colégio de México e Fideicomiso Historia de las Américas, 2001 (2ª ed.), pp. 194-218.

² Os *nahuas* eram povos do altiplano central mexicano que falavam a língua nahuatl, dentre os quais estão os mexicas. A grafia dos termos na língua nahuatl segue, neste texto, as transliterações e transcrições realizadas ao longo do século XVI (do chamado de Nahuatl Clássico), de acordo com as fontes aqui analisadas e com a consulta ao vocabulário do frei Alonso de Molina, publicado em 1555. MOLINA, Alonso de. *Vocabulario en lengua castellana y mexicana y mexicana y castellana*. Estudo preliminar de Miguel León Portilla. 4a. edição. México: Editorial Porrúa, 2001. Dessa maneira, seguindo os critérios utilizados por outros pesquisadores brasileiros como Eduardo Natalino dos Santos, a grafia das palavras encontra-se da seguinte maneira: os nomes próprios iniciam-se em maiúsculas e sem itálico; os demais termos foram grafados em itálico; não utilizo acentos gráficos, uma vez que a maioria das palavras em nahuatl são paroxítonas e foram transcritas sem acentos no século XVI, tendendo a se tornarem oxítonas e terem acentos na língua castelhana; mantive a letra "h" no interior e início de palavras tal como se grafava no século XVI, embora a letra não seja pronunciada em português; por fim, os substantivos que designam povos e línguas foram aportuguesados e grafados sem itálico. SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda, 2009.

³ NAVARRETE LINARES, Federico. "La conquista europea y el régimen colonial". In: MANZANILLA, Linda & LÓPEZ LUJÁN, Leonardo (coord.). *Historia antigua de México*. V. III. 2a. ed. México: INAH & Instituto de Investigaciones Antropológicas – UNAM & Miguel Ángel Porrúa, 2001, pp. 371-399.

repensaram os conteúdos e as estruturas de suas histórias, uma vez que essas histórias deveriam ser legítimas tanto do ponto de vista nativo já cristianizado, quanto pelos seus novos destinatários, isto é, as autoridades e os missionários espanhóis.

Entre os descendentes de México-Tenochtitlan, a tarefa de reescrita das narrativas passadas manteve, em parte, aspectos das tradições históricas e de registro convencionadas entre os povos nahuas e mixtecos pré-hispânicos. Ao mesmo tempo, textos alfabéticos em nahuatl ou em castelhano, por meio de traduções, foram adicionados nestas narrativas a partir da transcrição de relatos orais de informantes indígenas. Ademais, o contato dos mexicas com missionários, autoridades espanholas, seus livros e suas ideias resultaram na incorporação de elementos provenientes da cultura escrita castelhana nas histórias. Alguns desses elementos são conceitos, notas preliminares e gêneros, que serão analisados ao longo deste texto nas histórias dos códices *Mendoza*, *Telleriano-Remensis*, *Aubin*, *Manuscrito 40*, *Mexicanus* e *Manuscrito 85*⁴, narrativas mexicas produzidas nos séculos XVI e início do XVII⁵.

Antes da chegada dos espanhóis, os mexicas provavelmente produziram uma série de manuscritos de diversos gêneros, chamados códices⁶. Contudo, nenhum códice pré-hispânico

⁴ As edições dessas seis histórias utilizadas para as análises estão apontadas a seguir. *Códice Aubin*. In: DIBBLE, Charles E. *Codex Aubin. Historia de la nación mexicana. Reproducción a todo color del Códice de 1576*. Colección Chimalistac, v. 16. Madrid: Ediciones José Porrúa Turanzas, 1963. *Códice Mendoza*. In: Instituto Nacional de Antropología e Historia. *Códice Mendoza*. Imagens da Biblioteca Bodleiana, 2012. Disponível em: <codicemendoza.inah.gob.mx>. Acessado em 23/01/2019. *Códice Telleriano-Remensis*. In: KEBER, Eloise Quiñones. *Codex Telleriano-Remensis: ritual, divination and history in a pictorial Aztec manuscript*. Austin e Hong Kong: University of Texas Press, 1995. *Manuscrito 40 - Historia Mexicana desde 1221 hasta 1594*. Estudo e comentários por Elia Rocío Hernández Andón. In: *Proyecto Amoxcalli – CIESAS/CONACyT*. Projeto de microfilmagem, paleografia, tradução e estudo dos manuscritos do Fundo de Manuscritos Mexicanos da Biblioteca Nacional da França (2000-2010). Disponível em: <http://amoxcalli.org.mx/>. Acessado em: 23/01/2019. *Códice Mexicanus*. In: MENGIN, Ernest. "Commentaire du Codex Mexicanus n° 23-24 de la Bibliothèque Nationale de Paris" in: *Journal de la Société des Américanistes*. T. 41, n. 2. Paris, 1952. *Manuscrito 85 - Fragmento de la historia de los antiguos mexicanos*. Estudo e comentários por Elia Rocío Hernández Andón. In: *Proyecto Amoxcalli. Op. Cit.*

⁵ Dentre as histórias geralmente apontadas pelos estudiosos como parte do mesmo *corpus* de códices mexicas com textos pictográficos e alfabéticos, não serão aqui analisadas três narrativas, contidas nos códices *Vaticano A*, *Boturini* e *Azcatitlan*. A história do códice *Vaticano A* apresenta escassos textos em italiano e os códices *Boturini* e *Azcatitlan* apresentam pouquíssimos textos alfabéticos, geralmente no formato de legendas em nahuatl. Dessa maneira, essas três histórias não apresentam os mesmos tipos de elementos da cultura escrita castelhana que serão analisados, ainda que tais narrativas tenham incorporado uma série de características iconográficas europeias. Além disso, deve-se salientar que esse *corpus* de nove manuscritos não corresponde ao total de histórias mexicas ou nahuas para os séculos XVI e XVII. Outras narrativas foram produzidas por mexicas utilizando, porém, somente textos alfabéticos. Outros povos nahuas produziram histórias em textos alfabéticos ou também no formato híbrido composto por textos pictográficos e alfabéticos. A análise desses outros conjuntos de histórias mexicas e nahuas certamente ampliaria a amostragem dos dados aqui apresentados; contudo excederia em muito os limites deste artigo.

Alguns pesquisadores, como Clementina Battcock e Aldo Souza Díaz, sustentam (em texto no prelo) que o *Manuscrito 40* teria sido escrito por chalcas no século XVIII, devido às suas semelhanças com os textos de Domingo de San Antón Muñón Chimalpahin Cuauhtlehuanitzin. Embora tal hipótese contrarie estudos antigos e recentes sobre o *Manuscrito 40*, a utilização dessa história neste texto não se invalidaria, caso essa ideia se torne consenso entre os pesquisadores. Isso porque ainda se trataria de uma narrativa produzida por povos nahuas, que compartilharam entre si uma série de características ao longo da produção de suas histórias tanto em tempos pré-hispânicos, quanto coloniais. Comunicação pessoal de Aldo Souza Díaz, em 29 de maio de 2019, no *Primer Coloquio De Mesoamérica a la Nueva España: perspectivas comparadas*. México: FFyL-UNAM.

⁶ O termo *códice* é empregado desde o século XIX pelos estudiosos dos manuscritos mesoamericanos de origem indígena, pré-hispânicos e coloniais, embora sua origem remonte ao século XVI, quando missionários e cronistas descreveram tais manuscritos por meio da associação aos *codex* medievais. Mais recentemente, diversos autores tem relativizado o termo, uma vez que os códices são geralmente entendidos como livros, categoria que não contempla

mexica sobreviveu às décadas seguintes após a conquista⁷. Apesar disso, povos das regiões da Mixteca e de Puebla produziram, em tempos pré-hispânicos, manuscritos que teriam relações de parentesco com as tradições históricas nahuas, e, portanto, mexicas, por conta da utilização de semelhantes traços, cores, formas e sistemas de registro⁸. Além disso, há descrições de indígenas e relatos tomados por missionários que ajudam a entender como eram os códices pré-hispânicos e quais foram as mudanças introduzidas nos manuscritos coloniais. Os nahuas produziram manuscritos de diversos gêneros, entre os quais podem ser destacados os que tratavam de terras, tributos, linhagens, destinos e de relatos sobre deidades e grupos humanos – estes últimos se aproximam do que conhecemos como cosmologias e histórias⁹.

As histórias contidas nos códices coloniais mantiveram parte das características do sistema pictográfico pré-hispânico, cujo registro combinava representações pictóricas ou figurativas com glifos calendários, numéricos, toponímicos, antroponímicos e fonéticos, dando origem a registros com organização e lógicas próprias¹⁰. Nas histórias coloniais, ocorreu a manutenção das representações do sistema calendário indígena, assim como a centralidade da representação de alguns lugares enquanto parte de marcos históricos; ao mesmo tempo, houve a perda de qualidades e atributos não numéricos da conta do tempo, tais como seu caráter precioso e a vida ou animação dos signos dos anos. Além disso, também foram incorporadas uma série de características iconográficas europeias, como a perspectiva, o sombreamento e os traços fenotípicos europeus nas formas humanas¹¹.

Ao mesmo tempo, a escrita alfabética foi introduzida nos códices coloniais por meio de textos em castelhano, italiano e nahuatl¹². O surgimento de textos alfabéticos foi, possivelmente,

adequadamente a diversidade de tipos, formatos, suportes e usos que tais manuscritos tinham. DÍAZ ÁLVAREZ, Ana. *Las formas del tiempo. Tradiciones cosmográficas en los documentos calendáricos indígenas del México Central*. Tese. (Doutorado em História). México: Facultad de Filosofía y Letras - UNAM, 2011.

⁷ As primeiras tentativas de evangelização empreendidas por conquistadores e missionários buscaram eliminar os manuscritos que tratavam, entre outras coisas, do que era chamado por eles de *idolatria*, ou seja, do culto às deidades pré-hispânicas. Além disso, muitos manuscritos foram destruídos ou escondidos pelos próprios mexicas e outros povos que os haviam confeccionado e, posteriormente, substituídos por outros mais adequados à nova realidade colonial. NAVARRETE LINARES, Federico. “Los libros quemados y los nuevos libros. Paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana”. In: DALLAL, Alberto (ed.). *La abolición del arte. XXI Coloquio Internacional de Historia del Arte*. México: Instituto de Investigaciones Estéticas - UNAM, 1998, p. 53-71.

⁸ ROBERTSON, Donald. *Mexican manuscript painting of the early colonial period*. New Haven: Yale University Press, 1959, pp. 9-11. ESCALANTE GONZALBO, Pablo. *Los códices mesoamericanos antes y después de la conquista española*. Fondo de Cultura Económica: México, 2010, pp. 61-101.

⁹ SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, pp. 79-80. Além disso, durante o período colonial, alguns dos gêneros mencionados, ou partes deles, foram agrupados em um único códice, conforme os interesses de seus produtores.

¹⁰ *Ibidem*, pp. 84-105. Outros pesquisadores preferem o termo nahua *tlacuillo*, como Gordon Brotherston. Também deve ser destacada a oralidade, essencial para o registro e leitura desse sistema que era composto, predominantemente, por signos que não estavam atrelados a uma língua específica. BROTHURSTON, Gordon. “Traduzindo a linguagem visível da escrita” in: *Literatura E Sociedade*, 4 (4). São Paulo: USP, 1999. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/lis/article/view/18018>>.

¹¹ VALLE, Perla. “Códices coloniales” in: *Arqueología Mexicana: Códices Prehispánicos*. N. 23. México: Editorial Raíces, Janeiro-Fevereiro de 1997, pp. 64-65.

¹² A língua nahuatl, assim como outras línguas ameríndias, foi transcrita para o alfabeto latino, ao longo dos séculos XVI e XVII, por missionários e indígenas, com o objetivo de facilitar o processo de conversão ao cristianismo e a catequização, a princípio. ESCALANTE GONZALBO, Pablo. *Op. cit.*, pp. 135-151. LEÓN PORTILLA, Miguel. *Códices – os antigos libros*

a maior modificação que os códices nahuas sofreram¹³, uma vez que eles foram vetores para a incorporação de diversos elementos da cultura escrita castelhana. O emprego de textos alfabéticos nas histórias mexicas coloniais é fruto do trabalho missionário realizado, por exemplo, pelos franciscanos na escola de San José de los Naturales, fundada no fim da década de 1520, e no colégio de Santa Cruz de Tlatelolco, fundado em 1536¹⁴. Nessas instituições, os mexicas tiveram acesso a centenas de livros europeus, entre os quais estavam também as histórias.

Esse rápido contato com livros europeus somado aos processos de catequização e de reorganização político-econômica fez com que os indígenas do Vale do México e, mais especificamente os mexicas, incorporassem em suas histórias uma série de novidades do mundo hispânico e das novas situações que viviam. Além disso, a reescrita das narrativas era, muitas vezes, fruto de trabalho conjunto (porém não decorrente necessariamente de relações horizontais) de membros e descendentes das elites das cidades do centro do México e informantes indígenas, bem como missionários e funcionários espanhóis.

Dentre as novas histórias produzidas pelos nahuas no primeiro século após a conquista, estão as narrativas históricas contidas nos códices *Mendoza*, *Telleriano-Remensis*, *Aubin*, *Manuscrito 40*, *Mexicanus* e *Manuscrito 85*, que apresentam abundantes textos alfabéticos em nahuatl ou castelhano, nos quais é possível identificar a incorporação de elementos da cultura escrita castelhana, como conceitos, notas preliminares e gêneros. Esses três elementos podem ser entendidos como níveis gradativos de introdução da cultura escrita castelhana nas histórias mexicas, de forma que os conceitos representam incursões mínimas nos textos, enquanto a adição de notas preliminares e a incorporação de gêneros configuram modificações cada vez mais amplas. A partir dessa análise gradativa, será possível entender algumas das transformações ocorridas em relação às histórias mexicas e, conseqüentemente, aos próprios mexicas, que passaram a viver em uma realidade diferente após a conquista.

A incorporação de conceitos castelhanos nas histórias dos códices mexicas

Iniciemos, então, a análise dos conceitos castelhanos incorporados nas histórias mexicas coloniais, ou seja, da introdução de pequenas unidades linguísticas provenientes do léxico castelhano nas narrativas produzidas por indígenas de México-Tenochtitlan. Os conceitos castelhanos podem ser definidos, a princípio, como palavras escritas por meio do alfabeto latino na língua castelhana. Tais palavras ainda remetem a uma série de categorias específicas de uso corrente nas histórias ou na cultura escrita castelhana da mesma época em que as histórias

do Novo Mundo. (Trad. Carla de Jesus Carbone). Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2012, pp. 101-107.

¹³ PASTRANA FLORES, Miguel. "Códices anotados de tradición náhuatl". In: ROMERO GALVÁN, José R. (coord.). *Historiografía mexicana: historiografía novohispana de tradición indígena*. México: UNAM, 2011.

¹⁴ MATHES, W. Michael. *The America's First Academic Library Santa Cruz de Tlatelolco*. Sacramento: California State Library Foundation, 1985.

mexicas pictográficas coloniais foram confeccionadas, entre os séculos XVI e XVII. Assim, os conceitos também se remetem a palavras recém-criadas ou recém-incorporadas à língua castelhana, como é o caso de *Nueva España*¹⁵, *canoas* ou *caciques*¹⁶.

Nas histórias mexicas pictográficas, os conceitos castelhanos são geralmente mais perceptíveis nos textos em nahuatl e apresentam frequentemente a adição de certas partículas, que indicam o plural de substantivos, como é o caso de *-me* ou *-tin / -tī*¹⁷. Já nas histórias cujos textos alfabéticos estão em castelhano, sobressaem-se os conceitos utilizados por analogia, isto é, palavras da língua castelhana que são empregadas para designar ou explicar instituições civis e religiosas indígenas, por exemplo.

Dessa maneira, com base nas análises realizadas, os conceitos castelhanos encontrados nas histórias mexicas pictográficas foram agrupados em cinco categorias: A) calendário cristão, B) outros conceitos cristãos, C) lugares exteriores à Mesoamérica, D) instituições civis espanholas, E) instituições civis e religiosas indígenas. Evidentemente essas categorias não dão conta da totalidade dos conceitos castelhanos presentes nas narrativas e, por isso, outras categorias são mencionadas ao final desta parte.

O calendário cristão é a primeira das categorias de conceitos castelhanos introduzidos nas histórias, uma vez que apresenta abundância de referências nas narrativas cujos textos alfabéticos foram escritos em nahuatl. Se nas histórias escritas em castelhano há apenas dez (*Mendoza*) ou vinte (*Telleriano-Remensis*) referências por extenso ao calendário cristão, no códice *Aubin*, cujos textos alfabéticos foram escritos em nahuatl, há mais de 150 referências¹⁸ compostas de várias maneiras, sendo que a mais completa apresentava o dia da semana, o dia do mês, o mês e o ano, como em “martes a 1 dias del mes de agosto de 1589 años” (fl. 130)¹⁹. Apesar da grande quantidade de datas cristãs no códice *Aubin*, deve-se destacar que elas não substituem as representações de anos *xihmolpilli*, calendário registrado pelos mexicas em suas

¹⁵ *Nueva España* é citada duas vezes no códice *Mendoza* e outras seis no códice *Telleriano-Remensis*.

¹⁶ As duas palavras são originárias dos tainos, indígenas do Caribe e foram registradas no códice *Mendoza* — *canoas* no fl. 5r e *caçique* (sic) no fl. 3r. A palavra *canoas* designava um tipo específico de embarcação e a palavra *cacique* denominava os chefes políticos. Ambas as palavras foram rapidamente incorporadas pela língua castelhana e são mencionadas no códice *Mendoza*. ROUSE, Irving. *The Tainos: Rise and Decline of the People Who Greeted Columbus*. New Haven: Yale University Press, 1992.

¹⁷ SULLIVAN, Thelma D. *Compendio de la gramática náhuatl*. 2^a ed. México: Instituto de Investigaciones Históricas – UNAM, 1998 (Serie Cultura Náhuatl – Monografías, 18).

¹⁸ As referências foram selecionadas por meio da presença de palavras indicando o calendário por extenso. Dessa maneira, datas que utilizam apenas algarismos arábicos ou romanos em forma de correlação com as representações do calendário indígena, como ocorre em outras histórias mexicas, não foram contabilizadas.

¹⁹ Além disso, algumas datas cristãs do códice *Aubin* apresentam a partícula nahua *yc* antes de alguns números, designando números ordinais, e também o sufixo *-tica* nos dias de semana, que era utilizado para a designação de dias em nahuatl e teria tradução aproximada “no dia de”. Thelma D. Sullivan define essa partícula como a posposição instrumental *-ca* unida à ligadura *-ti*. SULLIVAN, Thelma D. *Op. Cit.*, pp. 146-148. Rémi Simeón também aponta um significado semelhante. SIMEÓN, Rémi. *Diccionario de la lengua náhuatl o mexicana*. México: Siglo XXI, 1986, p. 53.

histórias²⁰. Ao contrário, as datas cristãs parecem fracionar a conta do tempo dos anos indígenas, oferecendo referenciais de tempo do mundo cristão recém-incorporado de forma paralela.

O mundo cristão não está presente nos textos alfabéticos das histórias mexicas apenas por meio do calendário. Outros conceitos cristãos estão presentes e foram agrupados em uma segunda categoria, a começar pelo próprio adjetivo que designava as pessoas dessa religião, que é citado por meio de *xpoanos* (fl. 38v), *xpotianos* (fl. 42r) ou *cristianos* (fls. 41r e 44r) na história do códice *Telleriano-Remensis*. Nas histórias cujos textos foram escritos em nahuatl, o adjetivo cristão conta, ainda, com a adição de um dos sufixos de plural da língua nahua (-*me*): *christianome* (*Manuscrito 40*, fl. 19v) ou *xpianome* (*Aubin*, 5 citações). Também são mencionados os cargos da Igreja, as ordens religiosas e as palavras ligadas aos ritos ou às edificações cristãs, à medida em que esses elementos passam a fazer parte da realidade de México-Tenochtitlan. Os cargos mais citados nos códices *Telleriano-Remensis*, *Aubin* e *Manuscrito 40* são *obispo*, *fray* e *arzobispo*²¹. Já as ordens religiosas, citadas mais raramente, estão assinaladas por meio dos teatinos, clérigos da Ordem de São Caetano²². Outras palavras ligadas ao mundo cristão estão presentes no códice *Aubin*, como *isacristan* (sacristia), *yglesia*, *capilla* e *missa*.

A terceira categoria é composta pelos lugares exteriores à Mesoamérica, isto é, lugares não indígenas, que faziam parte do mundo hispânico ou europeu. Esses lugares exteriores se relacionam com personagens ou, até mesmo, objetos não indígenas na história dos mexicas e, portanto, demonstram tentativas de aproximação ao novo mundo no qual México-Tenochtitlan fora inserida após a conquista espanhola e, ainda, à outras formas de conceber o espaço, já que esses lugares não faziam parte das concepções pré-hispânicas. Lugares como Castela, Peru, Lima, China, Flórida e Roma são citados nos textos nahuas do *Manuscrito 40* e do códice *Aubin*, bem como no texto castelhano do códice *Telleriano-Remensis*²³.

As referências a instituições civis espanholas compõem a quarta categoria de conceitos analisados nas histórias. Embora algumas palavras sejam citadas nos manuscritos escritos em castelhano, é nos textos em nahuatl do *Manuscrito 40* e do códice *Aubin* que se encontram palavras como *emperador* (total de 4 menções), *visorrey* (32 citações, sendo 26 no *Aubin*), *visitador* (total de 4 menções) e *rey* (apenas no *Aubin*, fls. 122 e 134). Apresentando diversas grafias, há referências aos alcaides no plural do nahuatl por meio de *alldes*, *alldeme* ou

²⁰ O *xihmolpilli* era um ciclo de 52 anos formado por unidades de ano sazonal de 365 dias, chamado *xihuitl*, cuja composição ocorria por meio de signos e numerais. Ao final de cada ciclo de 52 anos, ocorria a chamada cerimônia do Fogo Novo, cujo objetivo era evitar os cataclismos que levariam ao término da idade atual, que era, segundo os mexicas e outros povos do Vale do México, regida por esses ciclos de 52 anos. SANTOS, Eduardo N. dos. *Tempo, Espaço e Passado...*, p. 136-138.

²¹ *Obispo* apresenta 14 citações, sendo a maioria no *Telleriano*; *fray* é citado em 13 ocasiões, sendo a maioria no *Aubin*; e *arzobispo* é mencionado 12 vezes, sendo a maioria no *Aubin*.

²² *Tianinos* (*Manuscrito 40*, fl. 19v) ou "grericos de aquinos" (*Aubin*, fl. 113).

²³ Peru é citado nas três histórias, com um total de 5 menções; no *Manuscrito 40* e *Aubin* são mencionadas Castela (8 ocasiões, no total) e China (4 citações, no total); e Flórida é citada no *Aubin* e no *Telleriano* com um total de 3 menções. Por fim, Roma é mencionada apenas no *Aubin* (fl. 120) e Lima é citada apenas no *Telleriano* (fls. 49v e 50r).

alcaldesme (11 citações, no total, sendo 9 no *Aubin*); já os juízes, tanto no singular, quanto no plural, são citados por meio de *juetzin*, *juestin* ou *juetzi* (apenas no *Aubin*, 16 menções).

A quinta categoria de conceitos castelhanos é formada pelas referências às instituições civis e religiosas indígenas, que estão presentes principalmente nos códices *Mendoza* e *Telleriano-Remensis*, que foram escritos em castelhano. Alguns dos principais conceitos registrados nas histórias são *republica* (apenas no *Mendoza*), *pueblo* (apenas no *Telleriano*), *señores*, *rey* e *capitan* para se referir às instituições e cargos de governo indígenas. Para as instituições religiosas, destacam-se as menções a Huitzilopochtli, deus patrono dos mexicas, mencionado como *diablo* no código *Aubin* (7 citações) e no *Manuscrito 85* (4 menções); as menções de *yglesia* para os templos indígenas no *Telleriano* (em 3 ocasiões); e as analogias feitas aos muçulmanos no fólio 9v do código *Mendoza* com utilização das palavras *mezquita* e *alfaqui* para designar um templo e um sacerdote indígenas.

Por fim, há, evidentemente, outras categorias de conceitos castelhanos presentes nos textos alfabéticos das histórias pictográficas mexicas, embora sua quantidade de referências seja mais escassa. Dentre as várias outras categorias, podem ser destacadas as menções aos tipos de dinheiro no código *Aubin* quanto ao *tomin* (10 ocasiões) e aos *pesos* (6 citações), assim como a utilização do conceito *yndios* no *Telleriano* (7 ocasiões), para se referir aos povos nativos mesoamericanos.

Em suma, vimos que conceitos castelhanos de diversas categorias foram incorporados aos textos das histórias mexicas. Esse processo já foi notado anteriormente por vários pesquisadores, entre os quais está James Lockhart, que afirma que, entre 1540-50 e 1640-50, uma série de palavras foram emprestadas do castelhano para o nahuatl sem modificações e, aos poucos, converteram-se em parte fundamental do vocabulário nahuatl²⁴. Dessa maneira, as análises mostram a incorporação de uma série de palavras castelhanas referentes ao calendário e ao mundo cristão, aos lugares exteriores à Mesoamérica, às instituições civis espanholas que se fizeram presentes por meio do regime colonial e às instituições civis e religiosas indígenas, designadas por analogias pelos espanhóis.

Esses conceitos não foram adicionados de forma descontextualizada nas histórias, mas, ao contrário, refletiam uma série de mudanças que vinham ocorrendo na sociedade colonial após 1521, como é o caso da introdução do cristianismo e do próprio regime colonial. Os conceitos

²⁴ Trata-se de uma das características do que Lockhart nomeia como Etapa 2, de um conjunto de três etapas da evolução geral dos nahuas depois da conquista. Nessa segunda etapa, os elementos castelhanos chegam a penetrar em todos os aspectos da vida nahua, mas com limitações. Esse processo ocorreu de forma distinta do período entre 1519 e 1540-1550, na Etapa 1, quando, segundo o autor, os textos nahuas faziam poucas inclusões de palavras castelhanas, incluindo, ao invés disso, uma série de palavras em nahuatl que procuravam descrever novidades de origem hispânica. Por fim, na terceira etapa, de 1640-50 até, pelo menos, 1800, os nahuas adotaram mais elementos castelhanos, de forma que se criou, em alguns casos, um amálgama entre as duas tradições. LOCKHART, James. *Los nahuas después de la Conquista. Historia social y cultural de los indios del México central, del siglo XVI al XVIII*. (Trad. Roberto Ramón Reyes Mazzoni; 1ª ed. em inglês, 1992). México: FCE, 1999, pp. 378-468 e 605-637.

são, portanto, um dos elementos da cultura escrita castelhana que foram incorporados nas histórias mexicas coloniais e que transformaram a escrita das histórias mexicas produzidas nos séculos XVI e início do XVII.

A introdução das notas preliminares nos códices *Mendoza*, *Aubin* e *Manuscrito 40*

Um segundo elemento proveniente da cultura escrita castelhana que foi introduzido nas histórias mexicas coloniais é a nota preliminar. Tal estrutura textual apresenta-se como um curto texto, isto é, um conjunto de pequenas unidades linguísticas provenientes do léxico castelhamo. Trata-se, portanto, de um elemento de maior tamanho em relação aos conceitos castelhanos analisados anteriormente.

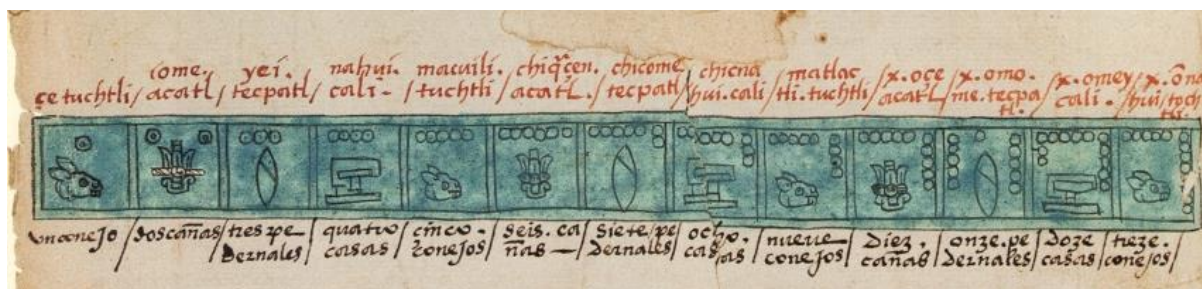
Como vimos anteriormente, a partir da conquista, as histórias das cidades do Vale do México tiveram que se dirigir a um novo público, os governantes espanhóis, que demandavam outros argumentos e formas de narrar a história. As novas narrativas tinham como objetivo seguir cumprindo suas funções legitimadoras e servir como instrumentos efetivos na defesa dos direitos e privilégios de suas entidades civis, tais como a posse de terras e a manutenção das elites indígenas em cargos políticos. Ao mesmo tempo, as elites tinham que levar em consideração, na elaboração de seus relatos, a cultura e a religião espanholas para poder convencer os novos governantes de suas verdades e suas autoridades²⁵. Assim, para dar conta do novo público espanhol ou do público indígena que já se distanciava das tradições pré-hispânicas, alguns manuscritos mexicas, como os códices *Mendoza*, *Aubin* e *Manuscrito 40*, passaram a apresentar notas preliminares. Enquanto as notas dos códices *Mendoza* e *Aubin* fornecem explicações sobre o funcionamento do *xiuhmolpilli*, ciclo calendário utilizado pelos mexicas desde tempos pré-hispânicos e presente nas narrativas coloniais, o *Manuscrito 40* resume a história que será narrada, apontando acontecimentos e datas iniciais e finais.

Antes de analisar o texto da nota preliminar no códice *Mendoza*, é necessário destacar que esse manuscrito foi produzido a mando do vice-rei Antonio de Mendoza em 1541 para ser entregue ao imperador Carlos V, e que a seção histórica deste códice está estruturada de forma alternada por fólios que contêm textos em castelhamo e por fólios com textos pictográficos e glosas em castelhamo²⁶. Dessa forma, a nota preliminar procuraria aproximar o ciclo calendário *xiuhmolpilli* aos leitores espanhóis, já que esse ciclo será representado nos fólios posteriores, que contêm textos predominantemente pictográficos.

²⁵ NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos indígenas del valle de México: los altépetl y sus historias*. México: UNAM, 2011, p. 83.

²⁶ O códice *Mendoza* foi produzido provavelmente pelos indígenas Francisco Gualpuyagualcal e Juan González da Catedral de México, segundo Federico Gómez de Orozco. ROBERTSON, Donald. *Op. cit.*, pp. 95-96. O manuscrito tem outras duas seções que tratam dos tributos pagos a Tenochtitlan e descrevem a vida cotidiana nessa cidade em tempos pré-hispânicos. O códice *Mendoza* foi roubado por corsários franceses e nunca chegou às mãos de Carlos V. ALCINA FRANCH, José. *Códices Mexicanos*. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992, p. 108.

A nota preliminar em castelhano no fólio 1v do códice *Mendoza* explica quais são as representações dos anos na história por meio da descrição dos cartuchos de anos e da maneira que se realiza sua leitura. A conta dos anos ou *cuenta* é qualificada como uma sucessão de anos preenchidos na cor azul e também identifica o local do fólio no qual os anos serão representados no códice *Mendoza*, isto é, nas margens *desta ystoria*. O texto afirma, ainda, que o manuscrito é uma *ystoria* que vai tratar do número de anos de vida que os *señores de México* tiveram em cada um de seus governos²⁷. A continuação da nota preliminar no fólio 1v explica a importância dos anos em que eram realizadas a cerimônia do Fogo Novo²⁸, isto é, uma cerimônia em que todos os fogos da cidade eram apagados e um novo fogo era aceso por um sacerdote no alto de uma montanha. O objetivo dessa cerimônia era evitar cataclismos, como *dilúvio de águas general*, *eclipse de sol* e *terremoto universal*, que levariam ao término da idade atual – regida pelos ciclos de 52 anos do *xiuhmolpilli*, segundo os mexicas e outros povos do Vale do México. Também é relatado que, segundo os antepassados indígenas, os mexicas realizavam grandes sacrifícios e cerimônias para seus deuses para que tais eventos catastróficos não se repetissem²⁹. Nesse mesmo fólio é representada uma sequência de 13 anos do *xiuhmolpilli* por meio de glifos, com objetivo de ilustrar as explicações da nota preliminar em castelhano (Figura 1).



²⁷ “Lo figurado de azul en los margines desta ystoria cada vna casita o partado significa vn año y son el numero de años y bidas que tuvieron los señores de mexico y para que abiertamente y clara se entienda lo figurado y la cuenta y nonbres de los años es que en los puntos de casa vn apartado contavan por el punto primero numerando hasta llegar a treze puntos y de alli delante tornaban a dar principio en su cuenta a vn punto susçesiuamente yban dicurriendo hasta llegar a los trexe puntos avnque en los apartados y casitas estan diuersas figuras pero la principal cuenta es la de los puntos y avnque haze poco al caso en lo que cada vn apartado o casita los nonbres de los años que nonbravan y ponian en lo del numero del primer punto hasta que los treze puntos para que se entienda se haze aqui por si señal y demostraçion de los nonbres con sus ynterpretaçones para dar nota al letor.” BERDAN, Frances F. & ANAWALT, Patricia Riel (ed.). *The Essential Codex Mendoza*. Los Angeles: University of California Press, 1997, pp. 28-35.

²⁸ Os nomes do ciclo calendário *xiuhmolpilli* e da cerimônia do Fogo Novo não são mencionados na nota do códice *Mendoza*. Esses termos são provenientes de outros manuscritos e são usados frequentemente pelos estudiosos dos calendários mesoamericanos.

²⁹ “En la orden y regla de los apartados o casitas numeradas por años en la casita donde pende vn ramo con su pie y a manera de flor significa año aziago fortuyto que los mexicanos tenian y temian diciendo que sus antepasados de tiempo ynmemorial les avian dexado aviso que en tales años que susçedian de çinquenta y dos en çinquenta y dos años eran peligrosos fortuytos e aziagos por causa de que en tales años avia sido el diluvio de aguas general y ansi mismo la tenebrosidad de eclipse de sol y terremoto universal y ansi en el tal año hazian grandes sacrificios y çerimonais a sus dioses y se daban a hazer penitencia y se abstenian de todos errores para quando llegase el proprio dia y ora del tal año en el qual dia generalmente apagavan todos las lumbres y fuegos hasta que pasase el dia y pasado ençendian lumbre nueva trayda de vna sierra sacada por vn sacerdote.” BERDAN, Frances F. & ANAWALT, Patricia Riel (ed.). *Op. cit.*, pp. 28-35.

Figura 1 – Sequência ilustrativa de 13 anos do *xiuhmōpilli*. Fonte: *Mendoza, Op. Cit.*, 1v.

Dando continuidade às análises, outro manuscrito que apresenta uma nota preliminar sobre o ciclo calendário *xiuhmōpilli* é o códice *Aubin*. Esse manuscrito foi produzido entre 1576 e 1608 e provavelmente tinha como público os próprios indígenas, já que essa história apresenta textos alfabéticos em nahuatl em seus fólhos, juntamente com representações pictográficas³⁰. Assim, a introdução dos textos explicativos sobre o *xiuhmōpilli* poderia estar relacionada a eventuais leitores indígenas que já se distanciavam das tradições de registro e das concepções do tempo pré-hispânicas.

No códice *Aubin*, a nota preliminar em nahuatl é mais sintética que o texto em castelhano do códice *Mendoza*. Localizada no fólho 1, a nota trata sobre a sequência dos anos do *xiuhmōpilli* e a formação de um ciclo de 52 anos³¹. O texto inicia-se afirmando que nesse manuscrito está escrita (*icuiliuhtica*) a conta dos anos (*inxitlapoval*)³² que era propriamente dos mexicas (*catca mexicana*). Menciona também os signos portadores dos anos, ou seja, *acatl* (junco), *tecpatl* (punhal de pedernal), *calli* (casa) e *tochtli* (coelho). O texto também afirma que tal conta é dividida em quatro partes (*nauhtetel*) e que formava um ciclo de 52 anos (*cenveutiliztli*) no ano 2 *acatl* (*yn ome acatl xivitl*). Já o fólho seguinte ao que contém tais explicações (Figura 2), apresenta, nas margens do fólho, as quatro partes da conta dos anos, formadas por blocos de 13 anos. A representação desses 52 anos de forma esquemática tem como função ilustrar o texto alfabético em nahuatl citado no fólho anterior. De acordo com o texto do fólho 1, a leitura dessas sequências de anos inicia-se no ano 1 *acatl* (1 junco), localizado do lado superior esquerdo do fólho, e segue em sentido anti-horário nos cartuchos seguintes, até o ano 13 *tochtli* (13 coelho)³³.

³⁰ ALCINA FRANCH. *Op. cit.*, pp. 115-116.

³¹ "Nican icuiliuhtica yn inxitlapoval catca mexicana nauhtetel yn iuh quitova ce acatl quitlamia xiii acatl ce tecpatl quitlamia xiii tecpatl ce calli quitlamia xiii calli ce tochtli quitlamia xiii tochtli. Auh yn iquacotlamito nauhteixtin nima molpia in toxih ypan yn ome acatl xivitl ompovalxiuhtica ommatlactica ypan onxivitl vel cenveutiliztli." "Aqui está escrita a conta dos anos que foi dos mexicas. Diz-se que ela tem quatro partes: 1 junco termina com 13 junco, 1 pedernal termina com 13 pedernal, 1 casa termina com 13 casa, 1 coelho termina com 1 coelho. E quando as quatro terminam, então se atam nossos anos no ano 2 junco. Cinquenta e dois anos é um ciclo completo." Tradução minha ao português com base na paleografia e tradução ao espanhol de Charles E. Dibble. DIBBLE, Charles E. *Op. Cit.*, p. 17.

³² Baseada nos escritos de Bernardino de Sahagún, Ana Guadalupe Díaz Álvarez afirma que *xiuhpohualli* é um sinônimo de *xiuhmōpilli*, isto é, trata-se da conta de vários anos, e não da conta interna de um ano - como traduções equivocadas poderiam sugerir. DÍAZ ÁLVAREZ, Ana Guadalupe. *Las formas del tiempo.*, p. 96.

³³ No meio do fólho, ainda, estão representados os quatro glifos portadores dos anos juntamente de um Sol, o que poderia indicar uma relação à concepção de quatro ramos e um centro. Há também um texto alfabético em castelhano que descreve momentos específicos da história mexicana, sem relação ao esquema calendário.

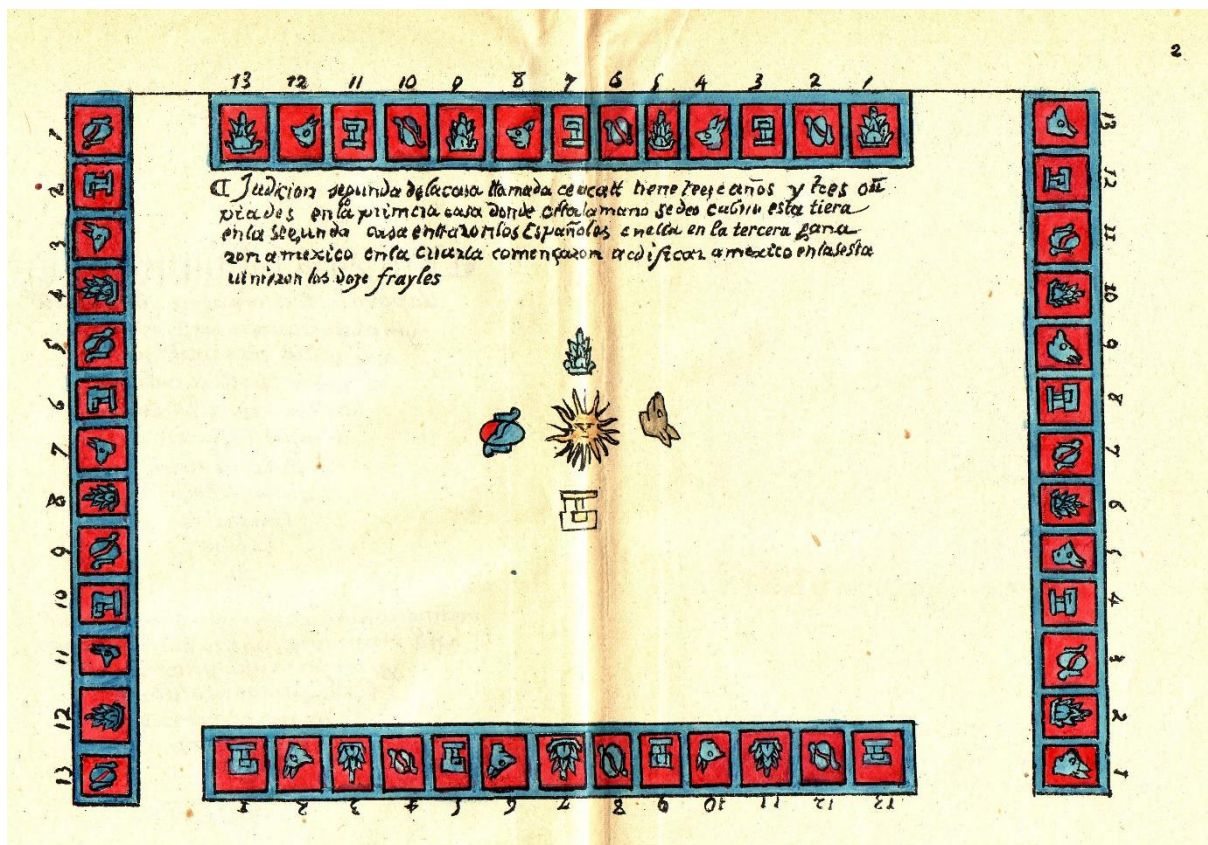


Figura 2 – Representação de um ciclo completo de 52 anos. Fonte: *Códice Aubin. Op. Cit.*, fl. 2.

Por fim, o *Manuscrito 40* também apresenta uma nota preliminar (fls. 1r e 1v) que, diferentemente das notas iniciais dos códices *Mendoza* e *Aubin*, não tem como objetivo explicar o ciclo calendário *xiuhmolpilli*, mas sim apresentar um resumo da narrativa (em castelhano, enquanto o restante do texto está escrito em nahuatl). A nota afirma que a história do *Manuscrito 40* “contém o tempo” (“contiene el tiempo”) desde a saída dos mexicas de Aztlan até o ano de 1573. O texto indica alguns acontecimentos relacionados ao início e fim da narrativa por meio de contas de anos, amparando as referências na história escrita por frei Juan de Torquemada (provavelmente *Monarquía Indiana*, produzida entre as décadas de 1590 e 1600 e publicada em 1615, em Sevilha)³⁴. Já no fólio 1v são realizadas algumas correções do total de anos contemplados nessa narrativa, também com base na história de Torquemada, referenciada no texto³⁵.

³⁴ Por conta da disparidade entre a data final da narrativa e as notas baseadas em uma história posterior, Xóchitl Medina González acredita que o *Manuscrito 40* seja cópia de um manuscrito perdido. Por outro lado, é possível pensar simplesmente que esse fólio das notas preliminares pode ter sido adicionado ao documento posteriormente, assim como as anotações em castelhano que estão nas margens de alguns fólhos do manuscrito. MEDINA GONZÁLEZ, Xóchitl. *Histoire mexicaine depuis 1221 jusqu'en 1594. Manuscrito núm. 40 del Fondo de Manuscritos Mexicanos, Biblioteca de Francia*. México: INAH, 1998, pp. 13-35.

³⁵ “[Fl. 1r] Hystoria en lengua mexycana que contiene el tiempo que paso desde que salyeron de Aztlan su patria asta que lleg[ar]on los españoles a Mex[i]co y mataron a su emperador Montesuma en que se pasaron 303 años y corre por

Em suma, as análises das notas preliminares nos códices *Mendoza*, *Aubin* e *Manuscrito 40* mostram que, apesar dos níveis de detalhamento distintos, elas têm como objetivo fornecer explicações sobre o ciclo calendário *xiuhmolpilli* representado nas histórias ou apresentar um resumo da história que será narrada, apontando acontecimentos e datas iniciais e finais. A incorporação desse elemento da cultura escrita castelhana nas histórias do *Mendoza* e do *Aubin* oferece explicações de seus próprios produtores sobre o ciclo calendário representado nas histórias enquanto parte de uma concepção de tempo específica, que definia, inclusive, a própria identidade mexicana. Além disso, pode-se sugerir que a nota preliminar foi introduzida nessas duas histórias com o objetivo de auxiliar tanto os leitores espanhóis do códice *Mendoza*, que desconheciam o *xiuhmolpilli*, quanto os leitores indígenas do códice *Aubin*, que se distanciavam das tradições mexicanas de conceber o tempo e a história.

Xiuhamatl* e crônica da guerra: dois gêneros na história do códice *Mendoza

Além dos conceitos e das estruturas textuais, foi introduzido um terceiro elemento da cultura escrita castelhana nas histórias mexicanas coloniais: o gênero histórico da crônica da guerra. A incorporação desse elemento configura um nível distinto e mais amplo do que os conceitos e as notas preliminares, já que parte de uma fórmula específica para compor os textos em castelhano da narrativa histórica do códice *Mendoza*.

Antes de entender como a crônica da guerra foi incorporada no códice *Mendoza*, é preciso explicar como a seção histórica foi estruturada de maneira padronizada e alternada por fólhos que contém textos em castelhano e por fólhos com textos pictográficos (e eventuais glosas em castelhano). Essa estrutura alternada é fundamental para a formação de duas narrativas paralelas em um único manuscrito, que partem de gêneros narrativos distintos – o *xiuhamatl* mexicana³⁶ e a crônica da guerra castelhana. Tal estrutura fundamenta a narrativa da seção histórica do *Mendoza*, que trata das conquistas realizadas pelos mexicanos em tempos pré-

otros quarenta y nueve despues de la mue[r]te de su emperador con que escribe lo que paso en 352 años que tantos ay desde el año de 1217 que salieron de su tierra asta el de 1569 años en que paro con la hy[s]toria Torquemada, tom[o] 1 cap[ítulo] 1 lib[ro] 2. Los ministros del ydolo se llamaban tlamacatzin y den lugar la silla de juncos en que le cargaban teomama q[uiere] d[ecir] los que a dios carg[an] en donde se les aparecio el ydolo puso las señales y dio el arco y flecha y el chymale/red en que guardan sus jicaras (dycen que era Chicomostoc) cap[ítulo] 2 lug[a]r citado) cohuacihuatl q[uiere] d[ecir] muger culebra, quaucihuatl muger aguila yaocihuatl muger guerre[r]ja, tzitzimicihuatl, muger infernal esto en quanto a que [el]... [Fl. 1v] tom[o] 1 cap[ítulo] 1 l[ibro] 1 dycen que para venir de su tierra a Mex[i]co, pasaron un brazo del mar, y no puede ser otro que California. Tom[o] 2 l[ibro] 13 c[apítulo] 22 años de 1507 cayo la fiesta del Xihuitl molpia, verdad es que corre esta Historia por 352 años pero son ser desde 1221 sata 1573 porque en este año segun Torquemada tom[o] 1 lib[ro] 5 cap[ítulo] 38 nacio en Tullantzinco el monstruo que en el lutimo (sic) año desta historia se refiere y la muerte de fr[ay] P[edr]o de Gante questa en el pienultimo fue el año de 1572 segun el mismo lib[ro] 20 cap[ítulo] 20." Paleografía de Elia R. Hernández Andón. In: *Proyecto Amoxcalli – CIESAS/CONACyT. Op. Cit.*

³⁶ *Xiuhamatl* era o nome dado ao gênero das narrativas sobre o passado, que eram produzidos pelos mexicanos e outros povos do Vale do México desde tempos pré-hispânicos. A orientação da leitura dessas narrativas era dada por meio da conta dos anos sazonais, isto é, o ciclo *xiuhmolpilli* (nome derivado do ano *xihuitl*). SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e passado. Op. Cit.*

hispanicos, divididas pelos períodos em que cada um dos nove governantes esteve no poder em México-Tenochtitlan³⁷.

Passemos, então, às análises da fórmula empregada nos fólhos pictográficos da história contida no códice *Mendoza*. Esses fólhos apresentam um padrão composto por cinco tipos de componentes: A) representações de glifos de anos do ciclo *xihmolpilli* de acordo com o período total de governo; B) representação de forma humana do governante e seu glifo antroponímico; C) representação do glifo de guerra, formado por um escudo e flechas; D) representações de glifos toponímicos referentes aos lugares conquistados associados ao E) glifo de um templo em chamas – em alguns casos, as representações são tão numerosas que ocupam um segundo ou terceiro fólho. Na Figura 3, é possível localizar tais elementos no fólho 12r – sendo que os elementos D) e E) se repetem em outras 13 ocasiões no mesmo fólho.

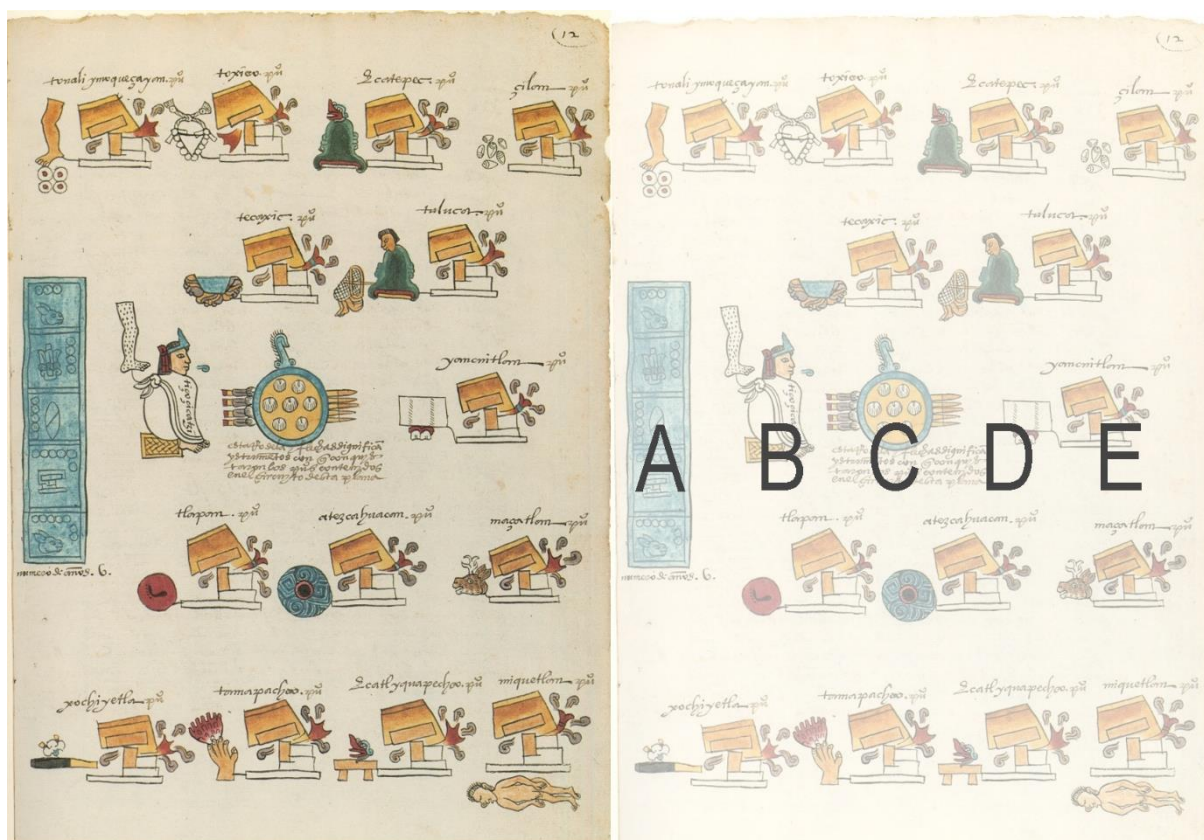


Figura 3 – Componentes pictográficos no fólho 12r do códice *Mendoza*. Fonte: *Mendoza, Op. Cit.*, fl. 12r

³⁷ Com exceção da nota preliminar no reverso e verso do fólho 1, e do fólho 2r, o qual marca o início da narrativa por meio da representação da fundação de México-Tenochtitlan.

Assim como os fólhos pictoglíficos, os fólhos compostos por textos alfabéticos da história do *Mendoza* também são padronizados quanto aos componentes acionados, mas versam, por sua vez, sobre os governantes mexicas de maneira mais detalhada, incluindo outros dados e acontecimentos que não são representados nos fólhos pictoglíficos. Nos fólhos de texto alfabético, a fórmula estrutural contém os seguintes componentes ordenados: A) data de início do governo; B) nome do governante; C) número de povos conquistados, sem menção aos seus nomes³⁸; D) menção sobre a correlação com os textos pictoglíficos nos fólhos correspondentes; E) comentários sobre casamentos, filhos, belicosidade, títulos recebidos e moral do governante; e F) o total de anos de governo³⁹. Como exemplo da estrutura mencionada, apresento a seguir o texto do fólho 11v, que trata do governo de Tizoc. Indico os componentes enunciados acima por meio das letras dentro de colchetes.

[A] En el año de myll y quatroçientos y ochenta y Dos años en el dicho señorío de mexico por fin y muerte de axayacaçi susçedio en el dicho señorío [B] tiçoçicatzin hermano del dicho axayacatzí y durante el tiempo de su señorío conqyusto y gano por fuerça de armas [C] catorze pueblos [D] segun que susçesiuamente estan figurados y nonbrados. [E] Yten el dicho tiçoçicatzi fue por estremo valiente y belicoso en armas y antes que susçedyese en el dicho señorío hizo por su persona en las guerras cosas hazañosas de valentia por donde alcanço tomar ditado de tlatecatl que tenyan por título de gran calidad y estado y era el punto de que en vacancio el dicho señorío el tal punto y grado susçedia luego en el dicho señorío lo qual ansi mysmo sus anteçesores hermanos atras contenydos y padre y aguelo tuyveron el mysmo curso del dicho título y ditado por donde subyeron a ser señores de mexico. yten el dicho tiçoçicatzin por avtoridad y estado del dicho señorío tuvo muchas mugeres e hijos que en ellas obo y fue hombre graue y seuro en mandar y ser temydo e acatado de sus vasallos fue ansi mysmo aplicado e ynclinado a cosas buenas y virtuosas y buen Republicano e mando guardar y aprobar por buenas las leyes y fueros que sus anteçesores avyan cumplido y guardado desde en tyempo de Guegue Motecçuma y fue zeloso de punir y castigar los malos vicios y delitos que sus vasallos cometian y ansi la republica mexicana tuvo el tiempo de su vyda hordenada y byen Regida [F] fue el discurso de su vyda çinco años al fin de los quales murio y paso desta presente vida.⁴⁰

No exemplo transcrito acima, os componentes A, B, C, D e F representam, de certa maneira, o que está presente nos fólhos pictoglíficos correspondentes ao governo de Tizoc – analisado anteriormente (Figura 3). Já o componente E – que apresenta comentários sobre casamentos, filhos, belicosidade, títulos recebidos e moral do governante – utiliza o dobro das

³⁸ Exceto nos fólhos 3r e 5r, nos quais os povos conquistados são mencionados.

³⁹ Outros elementos são acionados excepcionalmente em outros fólhos, como o ano da morte ou a idade que o governante tinha quando morreu, rebeliões, guerras, festas e, até mesmo, o funcionamento da tributação.

⁴⁰ BERDAN, Frances F. & ANAWALT, Patricia Rielf (ed.). *Op. cit.*

linhas que os outros cinco componentes e não apresenta textos pictográficos paralelos. Essa diferença exemplifica a importância que os textos alfabéticos em castelhano têm na história do códice *Mendoza*, fornecendo detalhes provenientes da tradição oral, que acompanhava, desde tempos pré-hispânicos, a produção dos manuscritos pictográficos mexicas.

Ao mesmo tempo, essa diferença é um indício da introdução da crônica da guerra, gênero proveniente da cultura escrita castelhana, cujas narrativas apresentam comentários muito parecidos aos que estão na narrativa histórica do códice *Mendoza*. Alguns exemplos mais antigos que seguem a mesma fórmula são a *Crónica Incompleta de los Reyes Católicos*⁴¹, manuscrito anônimo produzido entre 1469 e 1476, e a *Crónica Latina de los Reyes de Castilla*, um manuscrito produzido provavelmente por Juan de Soria, bispo de Osma e chanceler do rei Fernando III, no início do século XIII⁴². Esses dois textos mostram que uma longa tradição de produção de crônicas foi provavelmente compartilhada pelos espanhóis e utilizada pelos indígenas que compuseram o códice *Mendoza*. Mais especificamente, trata-se da incorporação da chamada crônica da guerra, um gênero histórico castelhano popular entre os séculos XV e XVI, que era frequentemente estruturado em seções, sendo que cada uma começava com cabeçalhos descritivos sobre o capítulo ou sumários⁴³.

Em suma, a análise da história do códice *Mendoza* exemplifica que, para além dos conceitos e notas preliminares, um gênero da cultura escrita castelhana também foi incorporado nas histórias mexicas produzidas ao longo do século XVI. Alternando-se a folios que mantiveram parte das tradições pictográficas dos *xiuhamatl*, a crônica da guerra foi introduzida na história do códice *Mendoza* à semelhança de outras histórias castelhanas.

Conclusões

As análises realizadas neste texto mostram que a incorporação dos elementos da cultura escrita castelhana ocorreu de maneira desigual, não cronológica e em diversos níveis nas histórias mexicas coloniais, tendo em vista a diversidade de produtores e públicos que as leriam, formados por missionários, autoridades espanholas e indígenas cristianizados. As narrativas mexicas coloniais mantiveram seu propósito de contar os eventos passados de sua cidade, mas

⁴¹ PUYOL, Julio (ed.). *Crónica incompleta de los reyes católicos (1469-1476). Según un manuscrito anónimo de la época*. Madrid: Academia de la Historia, 1934. Seguindo-se os componentes enunciados, pode-se destacar um trecho dessa crônica: “[B] Reynó el rey don Enrique quarto [A] a XXIII dias del mes de julio, año del Señor de mill y quatrocientos y cinquenta y quatro años; del Reyno d’España setecientos y veynte y quatro; y de la postrimera vnion de los Reinos dosçientos y ochenta años. [E] Auia el rey don Enrrique treynta años quando reynó. [...] Este era de sus pueblos muy amado y de los grandes de su Reyno muy temido, y non solo de sus vasallos y naturales, mas de todos los Reynos comarcanos y avn lexanos [...]. Este fue tan rico de tesoros, perlas y piedras preciosas, que ninguno más rico en el tiempo de él en la grandeza del mundo hallauan. Este era el más poderoso de gentes que ningund rey de christianos avia. [...] [C] Visto su grand poder, se le dauan Reynos, y prouinçias y señoríos muy ricos, así como Cataluña y Genoua y otras.”

⁴² CHARLO BREA, Luis (ed.). *Crónica latina de los reyes de Castilla*. Cádiz: Universidad de Cádiz, 1984.

⁴³ KAGAN, Richard L. *Clio & the Crown. The Politics of History in Medieval and Early Modern Spain*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2009.

também passaram a registrar o calendário cristão, lugares exteriores ao mundo mesoamericano, eventos ocorridos na Europa, termos cristãos, instituições espanholas coloniais implantadas na América. Ademais, tais histórias também passaram a contar com notas preliminares com o objetivo de explicar o calendário indígena ou resumir o conteúdo do manuscrito e, como vimos, no caso do códice *Mendoza*, até mesmo um gênero castelhano foi introduzido em paralelo à narrativa de tradição mexicana. Assim, tais histórias seriam aceitas na nova realidade colonial tanto pelos espanhóis, que se tornaram novos destinatários, como pelos próprios indígenas, que já tinham se convertido ao cristianismo.

Além disso, a introdução dos conceitos, notas preliminares e gêneros castelhanos não significou o fim das tradições históricas indígenas. Ao contrário, as seis histórias analisadas continuaram utilizando a escrita pictográfica em maior ou menor grau e, para citar um exemplo, vimos que a incorporação do calendário cristão por extenso nas histórias não suprimiu automaticamente as representações do *xiuhmolpilli* nas narrativas produzidas ao longo do século XVI. Por outro lado, a introdução dos elementos da cultura escrita castelhana nas histórias produzidas durante o primeiro século após a conquista de México-Tenochtitlan não pode ser vista como um simples amálgama de tradições nativas e europeias. Isso porque é possível identificar o que ainda está mais ligado à cultura escrita nahua ou mexicana pré-hispânica, ainda que tenha sofrido transformações. Da mesma maneira, é possível, por outro lado, identificar o que está mais relacionado à cultura escrita castelhana, trazida da Europa e adaptada às histórias locais. Utilizando as palavras de Ana Guadalupe Díaz Álvarez, tais obras possibilitaram, por causa de sua maleabilidade, a integração de novos conteúdos e materiais, que ampliaram suas possibilidades de uso segundo os requisitos e interesses dos novos usuários, fossem espanhóis ou indígenas⁴⁴.

As análises realizadas também sugerem que a integração dos novos conteúdos se iniciou muito antes das famosas narrativas de cronistas mestiços do século XVII, como é o caso de Domingo de San Antón Muñón Chimalpahin Cuauhtlehuanitzin, Fernando Alvarado Tezozomoc e Fernando de Alva Cortés Ixtlilxochitl. Os diversos exemplos apresentados neste texto mostraram que já em meados do século XVI uma série de conteúdos e elementos da cultura escrita castelhana estavam sendo integradas nas histórias mexicanas.

Finalmente, procurei demonstrar que a incorporação dos elementos da cultura castelhana não transformou apenas a escrita das histórias mexicanas, mas também refletiram uma série de mudanças ocorridas na Nova Espanha ao longo de quase um século após a conquista espanhola. Pouco a pouco, a implementação de instituições coloniais e a conversão e a apropriação do cristianismo pelos indígenas passaram a figurar nos textos produzidos pelos mexicanos cristianizados por meio de uma série de elementos, como explorado ao longo deste texto.

⁴⁴ DÍAZ ÁLVAREZ, Ana Guadalupe. *El maíz se sienta para platicar. Códices y formas de conocimiento nahua, más allá del mundo de los libros*. México: Universidad Iberoamericana, 2016, p. 64.

Dessa maneira, não foram apenas as histórias mexicas que se transformaram ao longo dos séculos XVI e início do XVII, mas os próprios habitantes de México-Tenochtitlan passaram a viver sob novas e diferentes situações.

Artigo recebido em 25/01/2019 e
aprovado para publicação em 13/05/2019